Dia 14 — São Boaventura, Cardeal, Bispo e Confessor

Nasceu em Bagnoregio, na Toscana, pequena cidade do Estado eclesiástico, no ano de 1221, para ser um dos mais brilhantes astros da igreja do Ocidente; um dos principais ornamentos da religião de São Francisco; admiração dos maiores, mais sábios e mais santos homens de seu século; e, enfim, para ser apelidado o Doutor seráfico com justíssima razão. Seu pai se chamava João Fidanza, sua mãe Maria Ritella, ambos mais distintos por sua grande virtude que por seus copiosos bens de fortuna e por sua não menos antiga que qualificada nobreza. No batismo pôs-se-lhe o nome de João; mas, tendo caído perigosamente enfermo quase quatro anos depois, tanto que o desenganaram os médicos, encomendou-o sua piedosa mãe às orações de São Francisco, que vivia a esse tempo e se achava no mesmo lugar, oferecendo ao Senhor que, se desse saúde ao menino, o consagraria a Sua Majestade na religião do seráfico pai. Este fez oração pelo menino e, ficando este de repente são, exclamou o santo em sua língua italiana: «Ó buona ventura! Ó ditoso sucesso!» E desde então toda a família, transportada de gozo à vista daquela maravilha, começou a chamá-lo Boaventura, nome que ficou depois ao santo doutor.

Logo que despontou o uso da razão, tiveram grande cuidado seus pais de advertir-lhe o milagroso modo com que o céu o havia conservado, prevenindo-lhe que o nome que tinha era testemunho e memória do milagre. Fez este benefício mais impressão do que correspondia a sua idade naquele coração terno, brando e nascido para a virtude, acompanhado de um entendimento vivo e perspicaz. Nem a fizeram menor nele as primeiras lições que lhe deram. Apenas conheceu a Deus, amou-o, e se fizeram manifestas as particulares bênçãos com que o havia prevenido o céu desde sua mesma infância. Notou-se que para ele não tinham nenhum atrativo os entretenimentos pueris e observou-se como caráter próprio seu, quase desde o mesmo berço, um grande amor à pureza e uma ternísima devoção à Santíssima Virgem, conservando toda a inocência de seus costumes e todo o fervor de sua devoção no curso de seus estudos.

Neles fez maravilhosos progressos; mas não foram menores os que fez no exercício da virtude. Desgostou-se do mundo antes de o ter conhecido; e, quando se achou em idade proporcionada, só pensou em cumprir o que sua mãe havia prometido. Pediu o hábito dos frades menores; concederam-lho, e o estado religioso deu a última mão à perfeição daquela grande alma. Concluído o noviciado, enviaram-no a estudar a teologia em Paris, sendo seu mestre o célebre Alexandre de Hales, o qual, à vista da grande santidade de seu discípulo, costumava dizer que Boaventura parecia que Adão não havia pecado nele.

Não havia religioso mais humilde, mais pobre nem mais exemplar. Animado com o mesmo espírito do santo fundador, parecia São Francisco ressuscitado em São Boaventura: a mesma abnegação de si próprio; o mesmo zelo pela observância da santa regra; o mesmo desprendimento de tudo e

as mesmas penitências. Pelo terno amor que professava a Jesus Cristo no adorável sacramento da Eucaristia, passava horas inteiras ao pé dos altares desfazendo-se em doces lágrimas. Antes de ser sacerdote eram suas delícias comungar com a maior frequência possível; e diz-se que, tendo-se abstido um dia da sagrada comunhão por reverência e por respeito, foi comungado por mão de um anjo.

Recebeu com o sacerdócio o último retoque de sua virtude e todo o cumprimento de suas amorosas ânsias. Aos que o viam no altar comunicava-se-lhes a devoção do sacerdote. As doces lágrimas que derramavam seus olhos e o fogo que despedia seu semblante davam testemunho de que se estava ouvindo a missa de um santo. Seu recolhimento interior, suas conversações e sua modéstia eram provas de sua íntima união com Deus. Parecia estar continuamente em oração, e com efeito empregava cobiçosamente nela todo o tempo que lhe deixavam livre seus estudos e as demais ocupações. O coro era seu recurso para recrear-se e para cobrar novas forças para trabalhar. A matéria mais ordinária de sua meditação era a vida, paixão e morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Compôs uma obrinha sobre este assunto, com uma meditação para cada dia da semana; deu à luz um tratadinho da oração mental; dispôs algumas orações vocais e escreveu da sublime contemplação com tanta energia e unção que desde então mereceu o título de Doutor seráfico.

Ainda que parecia estar totalmente dedicado a estes exercícios de devoção, fazia ao mesmo tempo tão assombrosos progressos nas ciências que, ainda que não contava todavia trinta anos, escolheu-o a universidade de Paris para ensinar publicamente nela, dando-lhe a cátedra de filosofia e de teologia. Explicou o Mestre das Sentenças tão à satisfação e com tanto aplauso que se pode dizer que lhe deveu aquela universidade, não menos que a Santo Tomás de Aquino, grande parte do alto conceito e reputação que já se havia granjeado naquele século. Nela se conheceram e se trataram os dois santos, estreitando entre si aquela íntima amizade que foi o melhor panegírico dos dois e que durou tanto como sua vida.

Assim brilhava o santo doutor na célebre escola de Paris, sendo estimado e venerado dos mais sábios e mais santos prelados da Europa, tanto pela fama de sua eminente virtude como pelo merecido crédito de sua grande sabedoria, quando sua seráfica religião quis desfrutar este tesouro, aproveitando-o mais imediatamente em sua própria utilidade. Estava congregado em Roma o capítulo geral da ordem para a eleição de geral, e presidia nele pessoalmente o papa Alexandre IV. Uniram-se todos os votos em favor de nosso santo; e, ainda que a esse tempo não tinha mais que 35 anos, foi eleito geral por todos os votos, não lhe tendo faltado mais que o seu. Confirmou o papa a eleição; e por mais que a humildade de frei Boaventura renunciasse, resistisse e representasse, foi-lhe preciso obedecer. Sua mesma conduta no governo justificou o acerto, mostrando sempre uma grande prudência, um vigoroso zelo pela observância religiosa, muita firmeza e não menor teima, mas temperado com admirável doçura, e a maior aplicação a conservar em seu vigor o primitivo espírito da ordem; o emprego de ministro geral só serviu para tornar mais visível sua profunda humildade. Não havia homem de maior mérito, nem que mais baixamente sentisse de si. Ainda que estava oprimido de negócios, não se dispensou de nenhuma de suas ordinárias penitências, e muito menos de seu frequente recurso à oração; a elevação do emprego não lhe estorvava o exercer os ofícios mais humildes do convento; e, sendo geral, servia aos enfermos com a mesma caridade que se tivesse tido o destino de enfermeiro.

Nem o tempo que ocupava nos negócios públicos postos a seu cargo lhe impedia o cumprir exatamente suas devoções particulares e, o que é mais, distraía-o muito pouco de seus acostumados estudos. Por espaço de dezoito anos governou toda a ordem com tanta prudência, com tanto acerto e com tanta moderação que não contribuiu pouco para o grande esplendor que adquiriu no mundo a religião de São Francisco, tornando-a tão célebre em todo o universo e sendo um dos mais belos ornamentos da Igreja católica. A vigilância em precaver tudo quanto podia introduzir alguma relaxação na observância a acreditaram bem os prudentes estatutos que fez no capítulo geral que se celebrou em Narbona no ano de 1260; mas não se limitava seu zelo precisamente a promover o maior bem de sua religião.

Como por razão de seu ofício se via obrigado a visitar diferentes províncias da Europa, não malograva ocasião de solicitar em todas as partes a maior glória de Deus nem de trabalhar na salvação das almas. Pregava, instruía e confessava com imenso fruto, fazendo muitas e admiráveis conversões. Valia-se do crédito e do favor que sua virtude e seu emprego lhe mereciam com os príncipes e com os prelados para a reforma dos costumes e para o aumento da piedade cristã. Passando seu zelo mais além dos mares, enviou muitos religiosos para que pregassem a fé aos infiéis.

Sobretudo, não perdia nenhuma ocasião de estender e de aumentar o culto da Santíssima Virgem, pela terna devoção que professava a esta Senhora. Conformando-se com o espírito de seu seráfico Pai, quis que se dedicassem a esta soberana Rainha quase todas as igrejas da ordem; que se celebrassem nela com a maior solenidade todas as suas festas; e, para inspirar a mesma devoção em todos os povos, valeu-se de todo o seu crédito e de todas as suas piedosas indústrias. Afora suas ordinárias exortações e as conversações familiares, em que sempre havia de entrar a devoção à Santíssima Virgem, escreveu muitos tratados para promovê-la. Compôs um ofício particular da Virgem com muitas orações cheias de ternura; fez um novo saltério, aplicando à Virgem as sentenças e as palavras de Davi com tanta devoção e com tanta oportunidade que parece ter sido inspirado o novo salmista pelo mesmo Espírito que inspirou inflamados afetos ao antigo.

Mal se pode compreender como um homem, acabrunhado com o peso de tantos negócios, pôde achar tempo para enriquecer a Igreja com tanto número de excelentes obras, cheias todas de energia e de uma devoção que era o caráter próprio de sua pena. Em todos os seus escritos está derramada certa espécie de moção que, alumiando o entendimento, acende a vontade no fogo daquele divino amor em que ele mesmo se abrasava. Por isso disse o célebre Gerson que São Boaventura era sólido, eloquente e devoto e que para os verdadeiros teólogos não havia doutrina mais sã nem mais salutar que a sua.

Gerardo de Abbeville, doutor parisiense, abraçou o partido de Guilherme de Saint-Amour e escreveu contra os frades mendicantes; tomou a pena São Boaventura e o refutou por escrito com aquela admirável obra que intitulou *Apologia dos pobres*, e tapou a boca ao caluniador. Outras muitas obras compôs em defesa de sua religião e para explicar a regra de São Francisco. Temos do santo muitos tratados de filosofia e de teologia; excelentes comentários sobre o Antigo e o Novo Testamento; muitos sermões eficazes e doutrinais; grande número de tratados espirituais, em cuja atenção justamente é tido São Boaventura por um dos maiores doutores da mística teologia. As

meditações sobre a vida e morte de Jesus Cristo são de requintado gosto, e o método é verdadeiramente original. A vida que compôs do seráfico pai São Francisco não foi a menor de suas obras. Quando a estava escrevendo, foi visitá-lo seu amigo Santo Tomás e, sabendo no que estava ocupado, não quis entrar, dizendo: «Deixemos o santo trabalhar para outro santo; seria imprudência interrompê-lo.» Passando em outra ocasião a vê-lo o mesmo santo doutor e admirado da celestial sabedoria de seus escritos, perguntou-lhe confidencialmente em que livros estudava aquela elevada doutrina e onde havia aprendido aquela eloquência tão cheia de devoção. Descobriu-lhe então São Boaventura um crucifixo e disse-lhe: «Este é o livro onde estudo tudo o que ensino.»

Concluído o capítulo geral de Pisa, onde estabeleceu diversos e muito prudentes regulamentos, passou a Roma com o fim de suplicar ao papa Urbano IV que nomeasse um cardeal que fosse protetor de sua ordem, e Sua Santidade nomeou o cardeal Orsini. Temendo o santo que o cuidar das monjas de Santa Clara viria a ser com o tempo uma carga demasiadamente gravosa para seus frades, suplicou ao papa que se servisse exonerá-los dela; mas, não querendo o pontífice privar as religiosas dos muitos bens que podiam tirar de sua espiritual assistência, contentou-se com especificar na bula que os frades menores não estariam obrigados a assisti-las de justiça, mas de pura caridade.

O papa Clemente IV, sucessor de Urbano, estimou-o e amou-o tanto como seus predecessores. Nomeou-o para o arcebispado de York, que naquele tempo era uma das maiores e mais autorizadas cadeiras episcopais da Igreja; mas não foi possível vencer sua humildade; pois, ainda que o pontífice quis usar de sua autoridade, o santo se arrojou a seus pés, chorou tanto e lhe fez tais instâncias que ao cabo o rendeu. Mas durou-lhe pouco sua alegria, porque Gregório X, menos flexível que Clemente, resolveu absolutamente elevá-lo às primeiras dignidades, ilustrando o sacro colégio com um sujeito daquele mérito. Criou-o cardeal e enviou-lhe o barrete por dois núncios, que o acharam no convento de Mugello lavando os pratos na cozinha. Não interrompeu esta humilde ocupação pela notícia da nova dignidade; prosseguiu lavando até que acabou seu trabalho; e, obrigado a obedecer, partiu para Roma. Acabava o papa de convocar um concílio geral em Lyon, na França, e tinha já pensado que Boaventura fosse como o oráculo do concílio, pelo que o recebeu com o maior alvoroço e logo o sagrou bispo de Albano.

Acompanhou o pontífice o novo cardeal em sua viagem a Lyon, onde se fez a abertura do concílio, presidido pelo mesmo papa, no dia 7 de maio de 1274. Pregou São Boaventura na segunda e terceira sessão, sendo como a alma de todas as conferências. Brilharam tanto em todas as ocasiões seus milagrosos talentos que, assim os gregos como os latinos, o reconheceram por um dos homens mais santos e mais sábios que havia então na Igreja. Tendo trabalhado mais que outro algum, tanto na reunião dos gregos como nas demais matérias que se tratavam no concílio, caiu numa grande debilidade, acompanhada de contínuos vômitos. Não é ponderável quanto afligiu a todos os padres a enfermidade do cardeal, a quem todos veneravam como o oráculo do concílio; mas queria o Senhor premiar seus trabalhos e coroar seus méritos em meio daquela augusta assembleia, e assim passou desta vida à eterna no dia 14 de julho do ano 1274, contando somente 53 de idade.

Chorou-o todo o concílio; e o papa, à frente de todos os padres, assistiu a suas exéquias, que se celebraram com extraordinária pompa na igreja dos franciscanos, onde o cardeal de Tarentaise, depois papa com o nome de Inocêncio V, pregou a oração fúnebre. Desde logo manifestou Deus a glória de seu servo com muito número de milagres, e não foi o menor o que sucedeu 160 anos depois de sua morte. No ano de 1434, edificaram os frades menores uma nova igreja, e abriu-se o sepulcro do santo para trasladar a ela suas relíquias; acharam-se consumidas as carnes, mas a cabeça tão inteira como no mesmo dia de sua morte, com todos os seus cabelos, seus dentes e a língua tão fresca, os lábios tão encarnados e a cor do rosto tão perfeita e tão viva como se o santo o estivesse. Colocaram-se os ossos numa urna e a cabeça num relicário separado, que até hoje é objeto da veneração dos fiéis; mas, tendo-se apoderado de Lyon os calvinistas no século seguinte, queimaram publicamente seus ossos e arrojaram as cinzas no Ródano. A santa cabeça se libertou de seu furor pela constância de um religioso de São Francisco, a quem não foi possível obrigar a descobrir onde estava oculta aquela preciosa relíquia, por mais horríveis tormentos que lhe deram. A cidade de Bagnoregio, pátria do santo, conserva um osso do braço, que lhe enviaram de Lyon quando as relíquias se trasladaram à nova igreja. Canonizou-o solenemente o papa Sisto IV; e Sisto V mandou que se rezasse um ofício duplo e o colocou na classe dos doutores da Igreja.

Martirológio Romano

Em Lyon, na França, a morte de São Boaventura, cardeal e bispo de Albano, confessor e doutor da ordem de São Francisco, ilustre por seu saber e santidade de vida.

Em Roma, São Justo, soldado às ordens do tribuno Cláudio, que, convertido a Jesus Cristo na aparição milagrosa de uma cruz e batizado no ponto, deu aos pobres quanto possuía. Depois foi preso por ordem do prefeito Magnécio, que o mandou açoitar com varas, pôr-lhe sobre a cabeça um capacete candente e arrojá-lo por último no meio de uma fogueira; e, sem perder um só cabelo nem receber lesão alguma, rendeu seu espírito confessando o nome do Senhor.

Em Sinope, província do Ponto, São Foca, mártir, bispo daquela cidade, que foi ao céu depois de ter aguentado valoroso cárceres, grilhões, correntes e o suplício do fogo pelo amor de Jesus Cristo. Suas relíquias, levadas a Viena, na França, foram depositadas na basílica dos santos apóstolos.

Em Alexandria, São Heraclas, bispo, que Africano, o historiógrafo, diz ter ido a Alexandria por causa de sua grande reputação.

Em Cartago, São Ciro, bispo, em cuja festa pronunciou Santo Agostinho sobre suas virtudes um sermão ao povo.

Em Como, São Félix, primeiro bispo daquela cidade.

Em Bréscia, Santo Optaciano, bispo.

Em Deventer, na Bélgica, São Marcelino, apelidado Marzomes, presbítero e confessor.

Perto de Chambon, no Berry, São Justo, confessor, colaborador de São Ursino no estabelecimento da fé.

Em Lyon, na França, Santo Amico, confessor.

Em Alexandria, os santos mártires Menesídeo e alguns outros.

Na África, os santos mártires Pápias e Donato.

Nos confins do Egito e da Etiópia, São Ubolo e companheiros, até o número de duzentos e sessenta mártires.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui populo tuo æternæ salutis beatum Bonaventuram ministrum tribuisti: præsta, quæsumus, ut quem doctorem vitæ habuimus in terris, intercessorem habere mereamur in cælis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes dar-nos por ministro de nossa eterna salvação o bem-aventurado Boaventura, concedei-nos que seja nosso intercessor no céu aquele que merecemos ter por nosso doutor na terra. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 4 da segunda que escreveu o apóstolo São Paulo a Timóteo.

2 Timóteo 4,1-8

> **Latim:** [1] Testificor coram Deo, et Jesu Christo, qui judicaturus est vivos et mortuos, per adventum ipsius, et regnum ejus : [2] prædica verbum, insta opportune, importune : argue, obsecra, increpa in omni patientia, et doctrina. [3] Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt, sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros, prurientes auribus, [4] et a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur. [5] Tu vero vigila, in omnibus labora,

> opus fac evangelistæ, ministerium tuum imple. Sobrius esto. [6] Ego enim jam delibor, et tempus resolutionis meæ instat. [7] Bonum certamen certavi, cursum consummavi, fidem servavi. [8] In reliquo reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die, justus judex : non solum autem mihi, sed et iis, qui diligunt adventum ejus. Festina ad me venire cito.

Português: [1] EU te esconjuro diante de Deos, e de Jesu Christo, que ha de julgar os vivos, e os mortos na sua vinda, e no seu reino: [2] que prégues a palavra, que instes a tempo, e fóra de tempo: que reprehendas, rogues, admoestes com toda a paciência, e doutrina. [3] Porque virá tempo, em que muitos homens não soffrerão a sã doutrina, mas tendo comichão nos ouvidos, accumularão para si mestres conforme aos seus desejos, [4] e assim apartarão os ouvidos da verdade, e os applicarão ás fabulas. [5] Tu porém vigia, trabalha em todas as cousas, faze a obra d'hum evangelista, cumpre com o teu ministerio. Sê sobrio. [6] Porque quanto a mim, eu estou a ponto de ser sacrificado, e o tempo da minha morte se avizinha. [7] Eu pelejei huma boa peleja, acabei a minha carreira, guardei a fé. [8] Pelo mais me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor justo juiz me dará naquelle dia: e não só a mim, senão tambem áquelles, que amão a sua vinda. Procura vir ter comigo com brevidade.

Nota

«Era Timóteo bispo de Éfeso, e São Paulo estava já na véspera de seu martírio, considerando-se como uma vítima borrifada com as libações e disposta para o sacrifício, quando lhe escreveu esta carta; pelo que a considera São João Crisóstomo como o testamento do Apóstolo.»

Reflexões

Virá tempo em que os homens não sofrerão a sã doutrina. Se a triste experiência de todos os séculos não tivesse verificado esta profecia, creriam-na os fiéis com muita facilidade? Quem poderia imaginar que, sendo os homens tão interesseiros, não aspirando a mais que a seu proveito, pondo tanto cuidado em não ser enganados e amando-se tanto a si mesmos, não hão de poder tolerar a sã doutrina? Pois sem ela tudo é erro, tudo descaminho, tudo ilusão, tudo veneno e tudo laços. Doutrina sã nos dogmas e doutrina sã nos costumes; não há outro caminho para a salvação; não há outra guia segura. A fé e a moral de Jesus Cristo: nisto estriba todo o edifício; a fé nos alumia, a moral nos instrui; já se erre numa, já noutra, é igual o perigo; sem luz é preciso descaminhar-se; com falsas instruções não se pode ir direito. Quando se viu pureza de costumes sem fé? E de que serve a fé sem as obras? Não seguir a doutrina sã em matéria de fé é heresia; não segui-la em matéria de costumes é impiedade, é dissolução. Buscar doutores que errem na fé é querer perder-se; buscá-los largos, indulgentes e relaxados é, por dizê-lo assim, fechar a porta à

esperança da emenda. A menor suspeita que se tenha de um doutor em matéria de fé basta para que visivelmente ponha em risco sua salvação o que o consulta e o toma por diretor. Se este altera a doutrina do Evangelho, arrisca-se pouco em escolhê-lo por guia e por médico espiritual? Quando se trata nada menos que da salvação eterna, quem dirá que estão de sobra as maiores precauções? A sã doutrina é a única que pode conduzir seguramente ao porto da salvação; ela só alumia o entendimento, move o coração, dissipa o erro e doma as paixões. Sem ela, quem se livra do naufrágio? Quando o piloto perde de vista a estrela, não é possível navegar muito tempo num mar alvoroçado sem perecer. Se o médico lisonjeia a enfermidade, se os remédios não são adequados, se o regime é contrário à saúde, em que há de parar o enfermo? Desenganemo-nos: a sã doutrina, que é a de Jesus Cristo e a do Evangelho, é a única doutrina da salvação. Pois como é possível desgostar-se dela? Não se a pode sofrer porque doma o orgulho, porque mortifica os sentidos, porque refreia as paixões, porque é contrária ao amor-próprio. E em que vem a parar o não segui-la? Os hereges e os licenciosos não a seguem; pois os que seguirem a mesma doutrina que eles terão também o mesmo paradeiro.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 5 de São Mateus.

Mateus 5,13-19

> **Latim:** 13 Vos estis sal terræ. Quod si sal evanuerit, in quo salietur ? ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus. 14 Vos estis lux mundi. Non potest civitas abscondi supra montem posita, 15 neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt. 16 Sic luceat lux vestra coram hominibus : ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cælis est. 17 Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas : non veni solvere, sed adimplere. 18 Amen quippe dico vobis, donec transeat cælum et terra, jota unum aut unus apex non præteribit a lege, donec omnia fiant. 19 Qui ergo solverit unum de mandatis istis minimis, et docuerit sic homines, minimus vocabitur in regno cælorum : qui autem fecerit et docuerit, hic magnus vocabitur in regno cælorum.

Português: 13 Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra cousa se ha de salgar? para nenhuma cousa mais fica servindo, senão para se lançar fóra, e ser pisado dos homens. 14 Vós sois a luz do mundo. Não póde esconder-se huma cidade, que está situada sobre hum monte. 15 Nem os que accendem huma luzerna, a mettem debaixo do alqueire, mas põe-a sobre o candieiro, a fim de que ella dé luz a todos os que estão na casa. 16 Assim luza a vossa luz diante dos homens: que elles vejão as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos

ceos. [17] Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas: não vim a destruïlos, mas sim a dar-lhes cumpri mento. [18] Porque em verdade vos affirmo, que em quanto não passar o ceo e a terra, não passará da lei hum só i, ou hum til, sem que tudo seja cumprido. [19] Aquelle pois, que quebrar hum d'estes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos ceos: mas o que os guardar, e ensinar a guardallos, esse será reputado grande no reino dos ceos.

Meditação

Dos consolos da vida perfeita

Primeiro ponto

Considera que a vida perfeita é a de uma alma verdadeiramente cristã, que ama a Deus sem exceção e sem reserva, cujo único desejo é agradar-lhe, ocupada inteiramente em dar-lhe gosto e em olhar com horror quanto o pode ofender. Onde há vida mais doce, mais tranquila, mais feliz?

Não tem a perfeição cristã nem os rigores, nem as moléstias, nem as dificuldades que imaginamos; pede necessariamente entregar-se a Deus com toda a alma, e a quem se entrega a Deus com toda a alma tudo é muito fácil. Os que são inteiramente de Deus, sem repartir-se com outros, estão sempre contentes; porque só querem o que Deus quer e têm gosto em fazer por ele tudo o que quer. Pois, como Deus não pode querer senão o melhor, o que nos é mais útil e mais conveniente, estas generosas almas, estas almas santas, ao mesmo tempo que se despojam de tudo por amor de Deus, encontram o cêntuplo no mesmo generoso despojo. A paz da consciência; a liberdade do coração; o consolo de abandonar-se nas mãos de Deus; a alegria de ver-se cada dia iluminados com novas luzes; e enfim aquele desembaraço dos temores e dos desejos tirânicos do século formam aquele cêntuplo de felicidade que os verdadeiros filhos de Deus gozam em meio dos trabalhos, contanto que sejam fiéis. Padecem, não o nego; mas desejam padecer e não trocarão suas penas por todos os falsos gostos do mundo. Afligem, atormentam seus corpos as mais cruéis dores: é assim; mas sua vontade firme e tranquila encontra nelas os maiores consolos. Os mundanos, os ditosos do século só podem gozar uma alegria passageira, e ainda essa muito superficial. Um pouco de reflexão basta para cobrir de amargura o coração mais alegre; mas a perfeição cristã está a coberto de todos estes insultos: a alegria que ocasiona é pura, constante e sólida; longe de turbá-la a reflexão, aumenta-a e confirma-a. Ponderem-se quanto se quiser os gostos do mundo; nem um só se encontrou jamais que satisfizesse a alma. Esses gostos e essas alegrias são efeitos de algumas paixões e não podem ser outra coisa. Pois quando houve paixão moderada e amiga de nossa quietude? São nossas paixões o funesto manancial de nossos cuidados e de nossos desassossegos, e a elas só se reduzem todas as alegrias mundanas. Os felizes sucessos da ambição, do interesse, do amor à diversão, os frutos da vingança ou da emulação: a isso se reduz a felicidade que causam as complacências do mundo. Ah, bom Deus, e que complacências!

Segundo ponto

Considera que Deus nos pede uma vontade inteira, isto é, que não esteja repartida entre ele e alguma criatura; uma vontade dócil e manejável, posta inteiramente em suas mãos, que só deseje o que Deus deseja e só aborreça o que ele aborrece; uma vontade que queira sem reserva tudo quanto quer e por nenhum caso nem por algum pretexto faça jamais coisa que não queira. A quem está nesta ditosa disposição tudo aproveita; e até aquelas inocentes diversões que de quando em quando toma para recrear o ânimo se convertem em obras meritórias. Ditoso aquele que se entrega de todo a Deus! Livre de suas paixões, superior aos juízos dos homens, a sua malignidade, à tirania de suas máximas, a suas frias e miseráveis zombarias, às desgraças que o mundo atribui à fortuna, à infidelidade e à inconstância dos amigos, aos artifícios e laços dos inimigos, vê-se como isento de sua própria fraqueza, da miséria da vida, dos horrores de uma má morte, dos cruéis remorsos que acompanham os gostos proibidos; e enfim da eterna condenação do supremo Juiz, da reprovação eterna, que é a maior de todas as desditas. Um cristão perfeito acha-se livre desta inumerável multidão de males. Posta sua vontade nas mãos de Deus, só deseja o que o Senhor quer, achando seu maior consolo, guiado da fé e fortalecido com a esperança, em meio das maiores tribulações. Pois não seria uma lastimosa fraqueza, uma indigna covardia temer entregar-se todo a Deus e empenhar-se demasiado num estado tão apetecível? Pede-nos Deus nossa vontade; e acaso nos pede demais nisto? Para que no-la pede senão para tornar-nos ditosos ainda nesta vida? Pede-nos todo o nosso coração, porque, sendo Deus, não podia contentar-se com que lho déssemos pela metade; nem lhe daríamos muito, ainda que lho déssemos todo. Não pode haver maior loucura que temer dar-se demasiadamente a Deus; é o mesmo que temer ser demasiadamente ditoso. Em meio disso, isto é pontualmente o que temem tantos que presumem de devotos; tantos que servem e amam a Deus com infinitas condições, com mil delicadas reservas; tantas pessoas tíbias, frouxas e descuidadas no serviço de Deus.

Amável Salvador meu, e quanta razão tenho para envergonhar-me à vista de minha covardia e de minhas passadas tibiezas! É certo, Senhor, que provei muito pouco aquelas delícias, aqueles celestiais consolos que reservais para vossos favorecidos; porque também vos amei muito pouco e vos servi com muita frouxidão. Aqui tendes, Senhor, todo o meu coração, e com ele vos entrego também todo o meu espírito, toda a minha vontade, tudo quanto sou; e vo-lo entrego sem dilação e sem reserva, não querendo ser nem viver senão para vós só.

Jaculatórias

> *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam abscondisti timentibus te!* Sl 30.

Ó Senhor, e que de consolos tendes reservados aos que vos temem, vos amam e vos servem!

> *Beati immaculati in via, qui ambulant in lege Domini.* Sl 118.

Mil vezes são ditosos e bem-aventurados, ainda nesta vida, os que guardam a lei santa de Deus.

Propósitos

1. Por mais que todos os santos nos assegurem que não há na terra consolos iguais aos que gozam os verdadeiros servos de Deus; por mais que o mesmo Jesus Cristo nos proteste que a paz do coração, a tranquilidade do espírito, a alegria e os consolos interiores se reservam para os que o servem com fervor, não se quer crer o que não se experimenta. De onde nascerá tanta incredulidade num ponto sobre o qual parece que nos importaria muito ser mais dóceis!

Eu o direi: não se quer crer que seja tão doce a vida perfeita, porque não se quer praticar o que é necessário para consegui-la; como se o erro pudesse escusar a covardia. Corrige essa falsa ideia e resolve-te desde logo a fazer a experiência das doçuras que gozam no serviço de Deus as almas fiéis; começa a cumprir com pontualidade as obrigações de teu estado; forma uma eficaz resolução de não negar a Deus coisa que te peça; serve-o desde este mesmo instante com novo fervor; apresenta-te na igreja com novo respeito; reza e faze oração com nova piedade; passa este dia de maneira que não te acuse a consciência nem de covardia, nem de infidelidade, nem de negligência no serviço de Deus, e provarás quão doce é o Senhor.

2. Toma hoje um quarto de hora de tempo para pedir-te conta e, de joelhos ou sentado, examina certos descuidos, certas faltinhas de fidelidade, certos pequenos sacrifícios que faz tanto tempo está-te pedindo Deus e também faz tantos anos que tu lhe negas. Basta uma miúda lembrança destes fatos para cobrir-nos de confusão e para justificar o rigor com que alguma vez nos tem tratado a divina Providência. Perdoaste uma injúria, um desaire que te fizeram; não desejas mal algum a quem to fez; mas não tens valor para fazer a essa pessoa uma visita nem para concorrer aonde ela concorre, não obstante que assim o requeria a atenção ou a necessidade. Isto te pedia Deus, e isto lhe negaste. Tens horror a certos vícios grosseiros; os arroubos de cólera te parecem indignos não só de um cristão, mas de um homem de bem; mas muitas vezes estás de mau humor com a família, e teus criados e teus filhos experimentam com frequência os amargos efeitos desse mau humor. Isto te pedia Deus, e isto lhe negaste. Não gostas de vestir-te imodesta nem provocativamente; mas agradam-te muito mil invenções da vaidade, cem bugigangas da moda, a qual mais custosas, a qual mais supérfluas e a qual menos cristãs. Este sacrifício te pedia Deus, e tu não o quiseste fazer. Guardas teus votos religiosos e observas exatamente certas regras; mas não cumpres outras fáceis e menos consideráveis. A observância destas te pedia também Deus, e não quiseste concedê-la. Tua vida é igual, devota, regrada, exemplar; mas ao cabo do dia estava-te pedindo Deus algumas pequenas mortificações. Suprimir um dito agudo, mortificar uma curiosidade, baixar o tom da voz, guardar modéstia em tal ocasião: estes sacrifícios são bem pequenos, e tu os farias por um curto interesse, por servir a um amigo, por comprazer a uma pessoa, etc. Pediu-tos Deus, e não os quiseste fazer por ele. Estes fatos te devem envergonhar; tua consciência te acusa deles; e depois te queixas da secura e de que a graça não aplaine as

dificuldades que experimentas no serviço de Deus! *Date, et dabitur vobis*: dá a Deus essas curtas mostras de fidelidade, e Deus te concederá aqueles abundantes consolos interiores que fazem tão suave seu jugo e tão leve sua carga.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:17 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:17 by Admin